

**dendróftora** *s.f.* ANGIOS design. comum às plantas do gên. *Dendrophthora*, da fam. das viscáceas, que compreende 54 spp., nativas das regiões tropicais das Américas ⊙ ETIM lat.cien.gên. *Dendrophthora* (1868); ver *dendr(o)-*

**dendrografia** *s.f.* (1873 cf. DV) BOT **1** tratado, estudo descritivo das árvores **2** registro do crescimento de árvores realizado por meio de dendrógrafo ('instrumento') ⊙ ETIM *dendr(o)-* + *-grafia*; f.hist. 1873 *dendrographía*

**dendrográfico** *adj.* relativo a dendrografia ⊙ ETIM *dendrógrafo* + *-ico*; ver *-grafo*: *-grafia*; *-gráfico*

**dendrógrafo** *s.m.* BOT **1** instrumento que registra, automaticamente, modificações no diâmetro do tronco de uma árvore ☞ cf. *dendrômetro* **2** indivíduo que se dedica à dendrografia ⊙ ETIM *dendr(o)-* + *-grafo*

**dendróide** *adj.* *2g.* (1873 cf. DV) m.q. DENDROÍDEO ⊙ ETIM rad. *dendr(o)-* + *-óide*

**dendroídeo** *adj.* semelhante a uma árvore; dendróide ☞ f. não pref. e mais us. *dendrôideo* ⊙ ETIM rad. *dendr(o)-* + *-ideo*; var. *dendrôideo* com alt. prosódica de *-ideo* para *-ideo* (gr. *eîdos* 'forma')

**dendrôideo** *adj.* f. não pref. e mais us. que DENDROÍDEO

**dendrólatria** *adj.* *2g.s.2g.* que ou quem possui dendrolatria ⊙ ETIM *dendr(o)-* + *-latria* ⊙ ANT dendroclasta

**dendrolatria** *s.f.* (a1958 cf. MS<sup>10</sup>) adoração de árvores; atitude de respeito ou reverência pelas árvores ⊙ ETIM *dendr(o)-* + *-latria* ⊙ ANT dendroclastia

**dendrolátrico** *adj.* em que há dendrolatria ⊙ ETIM *dendrólatria* + *-ico*; ver *-latria*: *-latria*; *-látrico*

**dendrologia** *s.f.* (1858 cf. MS<sup>6</sup>) BOT ramo da botânica dedicado ao estudo das árvores ⊙ ETIM *dendr(o)-* + *-logia*

**dendrológico** *adj.* (a1958 cf. MS<sup>10</sup>) relativo à dendrologia ⊙ ETIM *dendrólogo* + *-ico*; ver *-logo*: *-logia*; *-lógico*

**dendrologista** *adj.* *2g.s.2g.* BOT especialista em dendrologia ⊙ ETIM *dendrólogo* + *-ista* ⊙ SIN/VAR como subst.: dendrólogo

**dendrólogo** *s.m.* BOT m.q. DENDROLOGISTA (subst.) ⊙ ETIM *dendr(o)-* + *-logo*

**dendrometria** *s.f.* BOT **1** medição da massa lenhosa e das leis de crescimento de uma única árvore **2** medição da massa de um grupo ou maciço de árvores para determinar a massa lenhosa, as leis de crescimento e o volume dos produtos que podem fornecer; dasometria ⊙ ETIM *dendr(o)-* + *-metria*

**dendrométrico** *adj.* relativo a dendrometria e a dendrômetro ⊙ ETIM *dendrômetro* + *-ico*; ver *-metro*: *-metria*; *-métrico*

**dendrômetro** *s.m.* (1858 cf. MS<sup>6</sup>) BOT qualquer instrumento us. para medição de uma árvore, esp. aquele que determina o volume do tronco a partir de sua altura e diâmetro ☞ cf. *dendrógrafo* ⊙ ETIM *dendr(o)-* + *-metro*

# INICIAÇÃO À DENDROLATRIA

© Nicolas Behr

1ª. Edição – 2006

2ª. Edição – 2011

3ª. Edição – 2024 (esta)

Design: Marcus Polo R. Duarte/autor

Capa: Fotografia de Rogério Dias, engenheiro agrônomo, especialista em agricultura orgânica.

Quarta capa: O autor com uma semente germinada de *Cavanillesia arborea* (imbaré, barriguda lisa) fotografada no Vale do Paranã pelo botânico Benedito Alísio da Silva Pereira em 2007.

Agradecimentos especiais a Malu Mader que dá voz a estes poemas.

Contatos com o autor:

Cx. Postal 9648  
70040-976 Brasília DF

[paubrasilia@paubrasilia.com.br](mailto:paubrasilia@paubrasilia.com.br)

[www.nicolasbehr.com.br](http://www.nicolasbehr.com.br)  
Instagram: @nicolasbehr  
Facebook – Nicolas Behr

**Este livro é dedicado às árvores,  
que não nos merecem.**

as árvores  
são poemas  
que a terra  
escreve  
para o céu

*khalil gibran khalil*

plante poemas  
para que as  
raízes sejam  
o seu  
fio-terra

o flamboyant  
em frente à casa  
da fazenda amolar  
enraizou em mim

celulose e veias  
se entrelaçando

por isso  
nos rabiscamos  
trocamos de casca

florimos

a árvore cresce  
sobre o chão  
da página

a palavra se fixa  
na terra

árvore e  
palavra:  
ambas  
enraizadas  
em mim

# MANIFESTO CLOROFILA

*para bené fonteles*

as árvores dominam o planeta  
e o papel de seus talões de  
cheques é feito de peles humanas

as árvores dominam o planeta  
e os móveis das suas casas  
são feitos de ossos humanos

as árvores dominam o planeta  
e seus carros são movidos  
a gás metano, produto da  
decomposição de corpos humanos

as árvores dominam o planeta  
e bebem sucos especiais,  
mistura de sangue e saliva,  
produzidas por células humanas

as árvores dominam o planeta  
e fertilizam o solo  
com carne humana, moída

as árvores dominam o planeta  
e olhos humanos fazem a delícia  
dos cafés-da-manhã alegrando  
as feiras do bairro  
nas florestas populosas

as árvores dominam o planeta  
e criam, em estufas, humanos  
infláveis para produzir sombra

as árvores dominam o planeta  
e escolhem as modelos mais  
gostosas para enfeitar  
suas praças

as árvores dominam o planeta  
e quando têm frio  
queimam grande quantidade  
de carne humana, congelada,  
estocada permanentemente  
no polo norte

pede moleque  
moleque pediu

plantei  
pé-de-moleque

*FICUS ENORMIS*

ficus te devendo  
um poema melhor



## ÁRVORES DE ZANZIBAR

tantas árvores  
que não conheço

tantos sentimentos  
estranhos

para identificar uma árvore  
observe bem as raízes,  
a copa por dentro, a casca  
interna, o cerne

formigas do bem  
plantam árvores  
e cupins restauram catedrais

os fazedores de desertos  
se aproximam  
e o cerrado se despede  
da paisagem brasileira

uma casca grossa  
envolve meu coração

meu pé  
de pau-de-balsa  
morreu

não cheguei  
a lugar algum

o homem de casca grossa  
se apaixonou  
pela mulher  
de folha fina

o desejo de morte  
da flor de corte

mãos decepadas  
oferecem  
buquês de sangue

# FLORADA PARA LUCILA

a eterna dor  
da flor ao se abrir

a eterna dor  
da flor ao florir

a eterna dor  
da eterna flor que és

*para Lucila Saad Batista (1965-2003)*

a terra bruta,  
os homens brutos,  
a terra vermelha,  
sanguínea, deflorada

o holocausto vegetal  
que se inicia

as raízes pra cima

o pé-de-imaginação  
nasceu com

plantar  
teus seios  
no meu peito

enraizar  
em ti o meu desejo

*para Alcina*

o ipê não floriu?  
corta o ipê!

a mão não floriu?  
corta a mão!

plantei estas árvores  
há muitos anos

meus filhos também cresceram

ninguém vai cortar meus filhos

nas profundezas das florestas  
de palavras vivem os poetas,  
disfarçados de árvores  
e metáforas

se alimentam do nada  
e tudo o que  
a imaginação  
decompõe

Com  
ou  
sem  
elogio  
a árvore  
floresce

o poeta  
não

na seca  
é melhor  
porque precisa regar



nas fotografias do livro  
a grama está sempre bem  
cortada em volta  
das palmeiras

você nunca saberá quem sou  
mas eu existo e moro perto  
de chestermill  
no norte da Austrália

tenho filhos como você  
e também sofro com a fome  
e as guerras no mundo

meu trabalho é este:  
fazer com que a grama  
esteja sempre bem cortada  
em volta das palmeiras,  
sem aparecer  
nas fotografias

um pé-de-peça-perdão  
pediu perdão e virou  
um pé-de-tá-perdoado

um pé-de-mal-educado  
agradeceu e hoje é  
um pé-de-muito-obrigado

viva perigosamente  
viva entre as flores

ao andar pelas veredas  
pise leve pois nessa hora  
os capins sonham

a mão de vento sopra nuvens  
pelos troncos dos buritis,  
flautas gigantes

cova uma ova  
onde nasce é berço

como  
classificar  
cientificamente  
aquela rara  
palmeira  
morena  
de duas pernas  
que atravessa  
a praça  
na pacata  
paracatu?!

derrubei sim  
cortei  
cortei em pedacinhos

queimei  
toquei fogo  
(meu tesouro  
virou cinza)

fui dendrocida  
fui dendroclasta  
sofri de dendropsicose  
um tipo de dendrofobia

havia fingimento  
no meu amor  
pelas árvores

despedaçado,  
o espírito da floresta  
sobrevive nas tábuas

é na escola de tábuas  
que se aprende  
a ler árvores

casa de madeira  
mesa de madeira  
cadeira de madeira  
Lápis de madeira  
caderno de madeira  
professor cara-de-pau

a árvore abre o livro  
e se reconhece

dentro de mim  
vive uma árvore

árvore interior  
que me põe de pé

árvore que é quase-corpo

quase-tronco  
quase-casca

quase-nada

era uma árvore normal  
mas andava  
de perna-de-pau

EGOLOGIA

eu sou  
mais verde  
que você

viva  
o meu  
ambiente!



falo de flor  
t  
a  
l  
o

pólens líquidos  
poeiras de espermas

salivas arenosas  
suores desérticos

frutifica e depois  
cresce

morre e depois  
floresce

perde as folhas  
e aí dá sombra

e eis que  
da mão decepada  
brotaram  
novos dedos

toda flor  
é aflordisíaca

quebra-machado-de-assis-vermelho  
folha-em-branco-não-escrita-do-sertão rima-  
de-passarinho-sem-ninho  
palavra-verde-da-folha-miúda  
prefácio-inútil-do-pau-fútil  
acento-errado-de-gramática-da-mata  
metáfora-da-flor-rasteira-da-biblioteca  
livro-velho-do-pau-de-sebo  
sílabas-da-terra-vermelha  
verbo-mirim-do-pará-de-minas  
ideia-mansa-pau-mata-fome  
resenha-encomendada-de-pagagaio  
escrita-da-mata-queimada  
papel-de-árvore-do-livro-rosa  
elogio-falso-de-crítico-verdadeiro  
poeta-oco-do-santo-leitor  
lirismo-dourado-do-campo-sujo  
leitorea-cheirosa-do-mato  
página-azul-virada-do-cerrado  
dicionário-sem-palavras-d'água  
poema-mole-de-comer-rezando  
alma-poética-baba-de-boi-manso  
autor-papa-formiga-papa-prêmio  
antologia-foi-pro-brejo-e-não-voltou  
suplemento-sempre-verde-mesmo-amarelo  
academia-do-pau-podre-rajado  
letra-morta-de-espinho-da-terra  
autógrafo-da-casca-lisa-paulista  
literatura-fora-do-contexto-da-praia  
verso-sempre-verde-da-serra  
dedicatória-sem-graça-de-raposa

a flor sonha  
com pólenes  
e estames

e acorda  
toda molhadinha

ser para servir  
servir para viver  
viver para ser árvore

me serve esta folhagem  
me cai bem este tronco

de quantas cascas  
preciso para  
me despir?

plantei um pé de sombra  
e ali mesmo me águarefresquei

plantei um pé de dor - me aliviei

plantei um pé de pau brasil  
- me orgulhei/me envergonhei -

plantei um pé de peixe - nadei

plantei um pé de nada - nada deixei

plantei um pé de pedra  
ao pé da letra - nada cresceu

plantei um pé - com um pé caminhei

plantei e bati o pé - catira dancei

plantei e dei no pé - planta morreu

plantei, chorei, adubei  
esqueci, não amei

distraído,  
plantei um outro pé de poesia,  
ao vento

e no vento me enraizei

entendi

o sr. não quer uma árvore

o sr. quer uma  
máquina de produzir sombra!

OITIZEIROS  
DE CUIABÁ

pra onde eu olhava  
que não os via?

nos fundos  
da igreja da boa morte,  
ao lado do palácio  
alencastro,  
no final da cândido mariano

pro menino era tudo manga

raízes febris penetram  
carnes humanas

arvorar horizontes

saltos mortais copa adentro

por que sempre a flor?  
e não a casca em chamas?  
ou o tronco soberbo, mutilado?



plantei  
um pé de  
poesia  
no  
jardim  
da  
livraria

as folhas  
são raízes contrárias

a árvore  
se enraíza no céu

quem planta  
uma árvore  
aos poucos  
também  
se enterra

se eterniza

antes das árvores  
o verde era azul

plantei de mão em mão  
plantei de boca em boca

nasceu mamão, melão  
nasceu uma acerola louca

tocar flores  
como se tocam seios:

olhando

atravessei sete mares  
te descobri poema  
te dei um nome

pau-brasil

árvore-da-felicidade  
jardim-do-impossível

passeio entre  
caminho depois  
sobre sombras  
a alma leve  
poesia enfileirada  
árvores flutuam  
olho da palmeira  
azul verdejante  
paisagem, passagem  
tropeço em mim  
cascas sensíveis  
viver é doloroso e fácil  
desocupar horas  
sopro de poesia  
descanso eterno  
gestos lentos  
livro desfolhado  
espetáculo silencioso  
habitantes vegetais  
parar andar parar  
desencontrar-se aqui  
floriu por engano  
itinerário contrário  
restam folhas  
como são altas!  
não-humanas?  
antiquíssima presença  
pés lenhosos

roer unhas  
é roer a casca  
da própria casca

se cortar por dentro:

a machadadas

nem tudo  
o que é torto  
é errado

veja as pernas  
do garrincha  
e as árvores  
do cerrado

plantei um pé-de-tempo  
no canteiro das horas  
e fiquei esperando os  
brócolis da eternidade

nasceram relógios de alface  
ponteiros de couve  
segundos de tomate  
tic-tac de pontuais cupins  
formigas cortam  
folhas-de-minutos  
onde o futuro inseto é pupa,  
horário de borboleta

junto ao pé-de-tempo brotaram  
calendários de flores  
e relógios de sol  
para despertar onze horas,  
sem a pressa dos adubos químicos

agendas para passarinhos  
compromissos de poesia

uma paisagem sem  
árvores  
é como um mar  
sem cavalos

flores caem  
e ocupam o chão  
da manhã

algumas árvores  
são imperceptíveis  
a olho nu



arrancar este poema  
enraizado no livro

1 kg de sementes  
contém 5 kg  
de esperança

altura de 100 ipês  
submersos

rios de palavras  
correm  
nas entrelinhas

pra que monumento  
se na praça  
já existem árvores?

minhas árvores  
minhas raízes

cadê o poema  
que tava aqui?  
la Santa comeu!

a flor do pequi  
às vezes  
é utilizada  
na confecção de poemas

como este

FAZENDA AMOLAR,  
DIAMANTINO

sempre volto  
porque sei  
que a paisagem,  
mesmo machucada,  
me espera

neva amarelo  
sobre os ipês

neva frio e dor  
sobre a casca ferida

neva fósforo, fumaça e cinza  
sobre as castanheiras

neva areia  
sobre as sibipirunas  
do setor comercial sul  
(é o deserto chegando)

quando eu nasci uma árvore torta  
dessas que vive no cerrado  
chegou pra mim  
e não disse nada

não havia nada a dizer  
não havia nada a salvar

Inscrição usada  
em lápides de  
sepulcros clássicos:

ROGO-TE QUE DIGAS QUANDO  
POR AQUI PASSARES:  
QUE A TERRA TE SEJA LEVE  
E DE FLORES SE CUBRAM  
TUAS CINZAS

Inscrição lida num  
pára-choque de caminhão,  
em Minas Gerais:

ATÉ AS FLORES TÊM  
A SUA SORTE:  
UMAS ENFEITAM A VIDA,  
OUTRAS CELEBRAM A MORTE

de onde vêm o verde das folhas,  
o cinza dos troncos?  
vêm da árvore  
de onde vêm a flor, a semente,  
o fruto, o sabor, a fome?  
vêm da árvore  
de onde vem a madeira, o papel,  
o carvão, o lápis, a mesa?  
vêm da árvore  
de onde vêm as abelhas, os pássaros,  
os gafanhotos, os macacos?  
vêm da árvore  
de onde vêm o fogo, o calor,  
a energia?  
vêm da árvore  
de onde vêm o vento, a tempestade,  
a brisa, a nuvem?  
vêm da árvore  
de onde vêm o inesperado,  
o deslumbramento?  
vêm da árvore  
de onde vêm todo mistério,  
o medo da noite, a lua cheia?  
vêm da árvore  
de onde vem a vida?  
vem da árvore

de onde vem tudo?

o pé de manga rosa morreu?  
morreu  
foi cupim?  
não. foi mão ruim

entre a copa e as raízes

eu

tronco, serragem, poema

poeira, pó

47

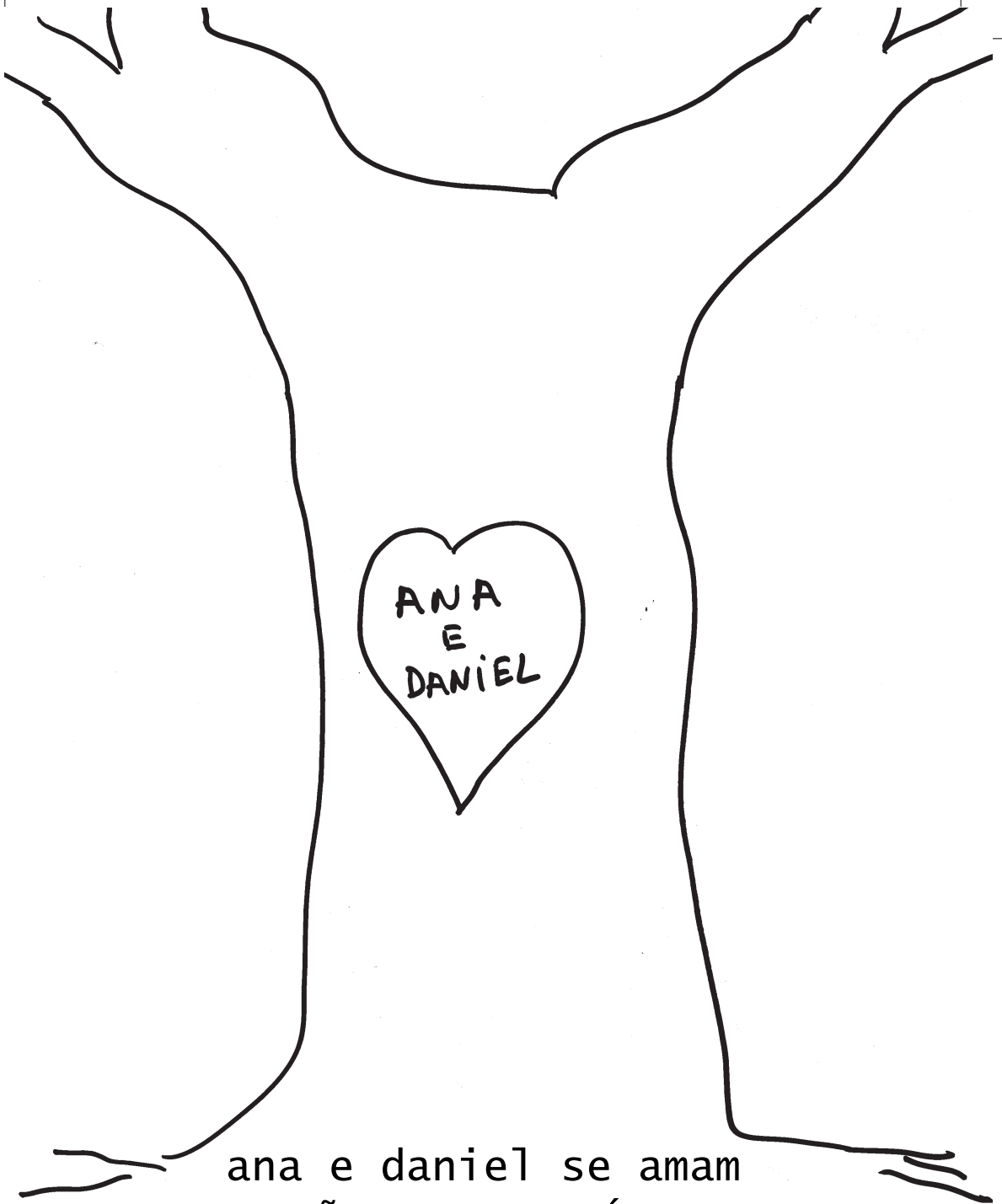
erik volta do parquinho  
com sementes de leucena  
na mão e pergunta:

- foram essas as sementes  
que você colocou  
na minha mãe?

ECOLOUCO

salvem as  
florestas  
tropicais  
da lua





ana e daniel se amam  
mas não amam as árvores

corde  
esta  
árvore!

ela  
atrapalha  
a vista  
que tenho  
do deserto!

S S  
e e  
i i  
v v  
a a  
q q  
u u  
e e  
s d  
o e  
b s  
e c  
e e

onde bate  
o coração da árvore?

no oco do toco?  
em ti? em mim?  
numa flor de jasmim?

plantava nuvens  
e palavras por aí

e fazia chover poemas  
sobre o chão  
da folha em branco

ao longo das  
raízes existem  
pequeninas bocas  
que sugam  
minúsculos seios  
por onde  
a mãe-terra alimenta  
as árvores

## A VINGANÇA DE GAIA

não verás  
nem sementes  
nem frutos  
porque não rebrotarás

não verás  
porque aqui  
não estarás

a poesia  
nada pode fazer

poesia  
não planta árvores

como plantar  
felicidade  
e fazer nascer  
só alegrias?

às vezes  
a fotossíntese  
ocorre na parte  
interna das raízes  
produzindo flores para  
atrair o oxigênio que  
a casca esquece  
dentro da terra

as raízes de jasmim  
cipó-de-são-joão  
quando fervidas  
ajudam na inspiração

parece que sim  
parece que não

árvore centenária  
poema-segundo

Queixo-me às rosas,  
Mas que bobagem.  
As rosas não falam.  
Simplesmente as rosas exalam  
O perfume que roubam de ti.

*Agenor de Oliveira, Cartola*  
(1908-1980)

Prefiro rosas,  
Meu amor, à pátria,  
E antes magnólias amo  
Que a glória e a virtude.

*Fernando Pessoa*  
(1888-1935)



arborizar o poema  
para o verso descansar  
na sombra da alegria

reflorestar desertos  
com árvores de areia

plantar árvores de vento  
com sementes de ar

timpar as mãos com terra  
com água as secar

não confiar  
na memória da casca

reescrever tudo

sim, sou árvore

não, não sou árvore

– ainda

me falta o tronco

o caule-corpo

os ossos lenhosos

as carnes firmes

me falta desenraizar

brasília,  
cidade inabitável  
não fossem  
teus poetas e árvores  
cidade que fiz germinar  
que árvores são aquelas  
em forma de edifício?

o cerrado é milagre,  
como toda a vida  
(é também pedaço do planeta  
que desaparece)  
abraço meu irmão pequizeiro  
ando de mãos dadas  
com as sucupiras  
os jatobás sorriem  
as perobas não dizem nada,  
apenas sentem. minhas amigas  
abelhas são filhas das flores

agora prepare seu coração:  
correntão vai passar  
e levar tudo  
ninho de passarinho  
rasteiro também  
depois do correntão brotou  
o que tinha de brotar  
mas já era tarde -  
faca fina do arado  
cortou a raiz pela raiz

e aí não brotou mais nada  
aliás brotou coisa melhor:  
soja, verdinha, verdinha  
que beleza, diziam  
(ah, esse mar verde,  
esse mar morto)

olhe bem os cerrados  
da próxima vez  
rasteje por entre  
capins e cupins  
e sinta o cheiro do anoitecer

antes de terminar pergunto:  
quem vai pagar a conta?  
daqui a cem anos  
estaremos todos mortos, certo?  
estaremos todos mortos.  
mas nossos netos não

o cerrado é milagre,  
como toda a vida

a árvore se veste de flor

quando as flores caem  
ela se veste de folha

quando as folhas caem  
ela se veste de casca

quando a casca cai  
ela se veste de tronco

quando o tronco cai  
ela se despe  
e começa a viver

androceu androceu meu  
                  existe gineceu  
mais florido que o meu?

sair de mim e virar árvore

meu sangue - seiva  
minha seiva - saliva  
minha pele - casca  
minha casca - ferida  
meus frutos - olhos  
meus olhos - molhe-os  
meu tronco - corpo  
meu corpo - caule  
meus ossos - cerne  
meu cerne - carne  
meu pulmão no coração  
meu pau - pênis  
minha cabeça - copa  
meus cabelos - pólenes  
meus pólenes - espermas  
meus dentes - galhos  
meus galhos - braços  
meus espinhos - unhas  
meus dedos - folhas  
meus pés - raízes  
minhas raízes - poemas  
poemas sem flores

me deixar cortar  
e não rebrotar

quando a casca do poema  
tende a desfazer-se  
em palavras,  
diz-se que a árvore  
é típica de ambientes verbais

plantar árvores  
não para ter sombra, flores,  
oxigênio, fruto ou madeira

plantar árvores pelas árvores



esmaga o poema na mão  
e cheira

identifica o poema  
e sente

a flor não floriu  
será que a flor fugiu?

nós é que deveríamos  
nos curvar em reverência

nós é que deveríamos  
ter casca para te proteger

nós é que deveríamos  
escrever poemas para ti

nós é que deveríamos  
ser o verde da tua clorofila

nós é que deveríamos respirar por ti  
ser teu pulmão esquerdo

nós é que deveríamos te dar sombra

nós é que deveríamos  
ser a árvore dos teus desejos

nós é que deveríamos  
nos plantar aos teus pés

nós é que deveríamos  
ser o teu solo, tua terra prometida

nós é que deveríamos nos cortar  
em sacrifício, te esquecer

nós é que deveríamos  
embelezar tuas florestas

nós é que deveríamos ser para ti  
a árvore da vida

plantou no chão do sonho  
um sonho antigo  
de plantar pé-de-amigo  
  
o pé nasceu, nada pediu  
  
era pé-de-amigo - conferiu

H<sub>2</sub>OMEM

ÁGUA É VIDA!

QUANDO FALTAR ÁGUA  
VAI FALTAR ÁRVORE

E AÍ VAI FALTAR TUDO!

morreu  
secou  
acabou

não tem mais

o fogo da palavra  
extinguiu-se  
mas a alma do cerrado  
queima para sempre

cerrado invade  
sufoca cidade  
céu desaba

tira cerrado  
troca paisagem

cimenta tudo  
asfalta o céu

a árvore  
quebra-vento  
faz o ar  
virar  
c a q u i n h o

olha,  
o ipê florido!  
onde?  
ah, já passou...

**Pinhal de Leiria.** Pinhal portuguez, começa no fim da freg. de Carvide e corre paralelo á costa marítima por espaço de 24 km. de comprimento e 12 de largura, interessando todo o concelho de Leiria ao S. do rio Liz, e ainda parte do conc. de Alcobaça. Dividem-se as opiniões quanto á epocha em que elle foi começado a semear, e, portanto, quanto á pessoa de quem partiu a ideia. Ao passo que uns dizem que os arabes tiveram um grande quinhão no gigantesco trabalho da fixação, por meio do arvoredo, das dunas de areia que se estendiam desde a Nazareth ao Mondego, que D. Diniz apenas coutou o pinhal, demarcando-o para si, como seu dominio, e que já no tempo do mesmo rei e de seu filho D. Affonso IV se tiravam do pinhal real madeiras que não teriam menos de 60 ou 80 annos, outros dizem que parece ter sido D. Sancho II quem mandou, pelo anno de 1240, dar principio á sementeira de elle, mas que foi D. Diniz que em 1290 lhe deu um grande impulso, transformando areas estereis e improductivos em um vasto pinheiral que, além do grande rendimento que passou a produzir para o Estado e de fornecer combustivel barato para varias industrias e casas particulares, evitou que as areias do mar entrassem terra dentro, aniquilando a vegetação. Nada, pois, se póde tirar a limpo de esta disparidade de versões, estando apenas averiguado que, desde D. Diniz até D. Manoel, todos os reis cuidaram mais ou menos da conservação e augmento do pinhal de Leiria, e que no reinado de este ultimo era elle uma das melhores sinão a melhor propriedade de raiz da nação.

Desde D. Manoel até D. João III, construíram-se com madeiras tiradas de este pinhal os galeões, galeras, caravellas e outros barcos de guerra e mercantes que levaram o nome portuguez ás mais remotas paragens.

Encyclopedia e Diccionario Internacional  
vol. XV - 1915 - Lisboa - Portugal

esta árvore é perfeita!

pena que as folhas são verdes e caem,  
sujando minha ignorância  
pena que as raízes são subterrâneas  
e profundas - e eu tão superficial  
pena que não sobreviva sem a casca,  
grossa, áspera e feia  
pena que as flores não combinam com a cor  
do novo carro que comprei  
pena que, um dia, insatisfeito, terei de  
cortá-la e não plantar outra no lugar  
pena que os frutos são comestíveis demais  
e atraem irritantes pássaros  
pena que não dê sombra à noite  
pena que não abane o rabinho  
quando chego em casa  
pena que rebrota toda vez que a corto  
pena que floresça justamente  
quando saio de férias  
pena que cresça para cima  
pena que que as sementes,  
quando plantadas, germinam  
pena que produza oxigênio  
e não gás de cozinha  
pena que não seja de ferro,  
plástico e papel celofane  
pena que o perfume das flores  
desagrade ao meu olfato

pena que seja apenas uma árvore

Segue  
o teu destino,  
rega  
as tuas plantas,  
ama  
as tuas rosas.

O resto  
é a sombra  
de árvores  
alheias.

*Fernando Pessoa*